

RANDALL SULLIVAN

Intocável

A estranha vida e a trágica morte de Michael Jackson

Tradução

Álvaro Hattner

Claudio Carina

Marina Pontieri Lima

Rogério Galindo

Copyright © 2012 by Randall Sullivan

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Untouchable: The Strange Life and the Tragic Death of Michael Jackson

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Time & Life Pictures/ Getty Images

Preparação

Mariana Delfini

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Sullivan, Randall

Intocável : a estranha vida e a trágica morte de Michael Jackson /
Randall Sullivan — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original : Untouchable : The Strange Life and Tragic

Death of Michael Jackson.

Vários tradutores.

ISBN 978-85-359-2361-2

1. Cantores — Estados Unidos — Biografia 2. Jackson, Michael,
1958-2009 — Últimos anos 1. Título.

13-11015

CDD-782.42164092

Índice para catálogo sistemático:

1. Cantores norte-americanos : Vida e obra

782.42164092

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Nota do autor</i>	II
<i>Prólogo</i>	15
Parte um: Leste	19
Parte dois: Norte	165
Parte três: Oeste	215
Parte quatro: Sul	289
Parte cinco: O restante	477
<i>Posfácio</i>	613
<i>Cronologia</i>	673
<i>Sobre as fontes</i>	691
<i>Referências bibliográficas e notas sobre os capítulos</i>	699
<i>Índice remissivo</i>	829

PARTE UM

LESTE

I.

Em 29 de junho de 2005, dezesseis dias após o veredicto de inocente no julgamento por abuso sexual infantil no condado de Santa Barbara, Michael Jackson chegou ao final de uma viagem em que cruzou todo o país, o oceano Atlântico, o mar Mediterrâneo e o golfo Pérsico, e seu jato particular pousou no Aeroporto Internacional do Bahrein, perto de Manama, a 13 mil quilômetros de sua antiga casa, na Califórnia. Ele teve de ir tão longe para conseguir um pouco de paz, e mesmo lá ela não duraria muito tempo.

Aqueles que o encontraram na pista de pouso ficaram satisfeitos ao ver que sua aparência havia melhorado significativamente em relação ao fantasma cadavérico que ele havia se tornado durante os estágios finais do julgamento. “Perto do fim, ele às vezes ficava dias sem comer ou dormir”, lembrou seu principal advogado de defesa, Tom Mesereau. “Ele nos telefonava às três ou quatro horas da manhã, aos prantos, preocupado com o que aconteceria com seus filhos se ele fosse preso. Naquelas últimas semanas, as maçãs de seu rosto estavam afundadas a ponto de os ossos aparecerem.” Quando chegou a Manama, Michael havia engordado quase cinco quilos e dava a impressão de alguém que, se fosse preciso, iria dançando até o terminal. Os bareinitas que o cumprimentaram no aeroporto concordaram que ele parecia muito menos

estranho pessoalmente do que haviam imaginado com base em fotografias. E o tamanho de suas mãos, *Allahu Akbar*.*

Mesereau estava entre a multidão que se reuniu em Neverland na tarde do veredicto. Michael agradeceu repetidamente ao advogado, mas não parecia capaz de muito mais que abraçar os filhos e olhar para o vazio. Alguns observadores descreveram Michael durante o julgamento como alguém que se aprofundava gradualmente em um delírio induzido por drogas e ao mesmo tempo tagarelava sobre a conspiração contra ele, mas Mesereau insistiu que somente naquele último dia viu um Michael Jackson que parecia “menos lúcido”.

Um punhado de pessoas sabia quanto o astro havia ficado incomodado com as deliberações do júri. Uma delas era o comediante e ativista Dick Gregory, presente na multidão que acompanhou Jackson do tribunal até o rancho em um trajeto que todos pensavam que poderia ser a última viagem de Michael para Neverland. Magro e de barba branca, Gregory entrara e saíra da vida de Michael durante anos, mas ele foi especialmente inflexível sobre a presença de Gregory enquanto aguardava e recebia o veredicto do júri. No final da tarde, depois que Mesereau e outros foram embora, Michael pediu-lhe para subir até o quarto, Gregory lembrou. Michael agarrou-se a ele nas escadas, Gregory disse, e ele pôde sentir os ossos do anfitrião cutucando-o através das roupas. “Não me deixe sozinho!”, Michael teria implorado. “Eles estão tentando me matar!”

“Você já comeu?”, perguntou Gregory. O comediante alegava ter sido quem ensinou Michael a ficar em jejum, dizendo que ele o havia treinado a ficar quarenta dias sem comida. É preciso beber litros de água para passar tanto tempo sem comer, Gregory o instruíra na época, mas Michael parecia ter esquecido essa parte do regime. “Eu não consigo comer!”, respondeu ele. “Eles estão tentando me envenenar!”

“Qual foi a última vez que você bebeu água?”, perguntou Gregory.

“Eu não estou bebendo”, respondeu Michael.

“Você precisa sair daqui”, disse Gregory.

Em uma hora, Gregory e um pequeno destacamento de seguranças estavam com Jackson no Centro Médico Marian de Santa Barbara. Ele recebeu imediatamente líquidos e remédios para dormir na veia. Os médicos disseram a Gregory que Michael não teria sobrevivido mais um dia sem atendimento. Enquanto sua

* “Deus é grande”, em árabe. (N. T.)

família se preparava para uma “festa da vitória” em um cassino nas proximidades, Michael estava em uma cama de hospital, perdendo e recuperando a consciência seguidamente, perguntando-se em um momento se estava na prisão e em outro se aquilo seria a vida no além. Ele foi liberado do hospital apenas depois de passar quase doze horas seguidas em tratamento intravenoso.

Ele voltou mais uma vez a Neverland para fazer as malas, em seguida deixou o rancho pela última vez. Mesereau havia aconselhado seu cliente a sair do condado de Santa Barbara o mais rápido possível e não voltar. Os escritórios da promotoria e da polícia estavam obcecados pela destruição de Michael Jackson, Mesereau acreditava, e seriam especialmente perigosos agora, depois de serem humilhados pelos veredictos. “Eu disse a Michael que, para abrir a porta para outra acusação criminal, bastava que uma criança aparecesse no rancho”, lembrou Mesereau.

Michael passou a maior parte da semana seguinte à absolvição se recuperando no Centro para o Bem-Estar de seu amigo Deepak Chopra em Carlsbad, na Califórnia, em um costão com vista para o oceano Pacífico, entre Los Angeles e San Diego. Acompanhavam-no seus filhos e a babá africana deles, Grace Rwaramba. Magra e atraente, o cabelo afro tingido de laranja, olhos redondos tão castanhos que pareciam pretos sob qualquer iluminação que não a solar direta, Rwaramba trabalhava para Jackson havia quase vinte anos. Então com pouco menos de quarenta anos, ela havia fugido de uma Uganda dizimada pelo líder militar assassino Idi Amin bem na época em que chegava à puberdade, e passara a adolescência morando e estudando com as freiras católicas na Holy Name Academy de Connecticut. Entre os colegas, Grace ficara conhecida por sua vasta coleção de fotos, cartões-postais, camisetas e luvas de Michael Jackson e por suas emocionadas declarações de amor ao Rei do Pop. No anuário da escola de 1985, a cada formando era permitida uma “profecia”. A dela dizia: “Grace Rwaramba é casada com Michael Jackson e tem a sua própria geração de Jackson 5”.

Era incrível o quão perto ela chegou de viver seu grande sonho dos tempos de escola. Depois de se formar em administração de empresas na Atlantic Union College, ela conheceu a família de Deepak Chopra, que pessoalmente a apresentou a Michael e conseguiu para ela uma vaga na equipe dele na turnê Dangerous. Como diretora de pessoal, ela fora encarregada, principalmente, de organizar contratos de seguro, mas Grace subiu rapidamente na hierarquia de Neverland, tornando-se a funcionária em que Michael mais confiava. Quando Michael Joseph

Jackson Jr. nasceu, em 1997, Michael nomeou-a babá da criança. Ela assumiria a responsabilidade de cuidar dos dois outros filhos, Paris-Michael Katherine Jackson, nascida em 1998, e Prince Michael Joseph Jackson II, nascido em 2001, ficando tão próxima deles que as três crianças a chamavam de “mãe”.

A relação com o pai delas era mais confusa. Ao longo dos anos, Grace desenvolvera um certo cinismo em relação a Michael, do tipo “cuidado com o que você deseja”, que afetou sua devoção a ele. Era a única pessoa da equipe que se atrevia a criticá-lo ou contestá-lo, e havia sido demitida várias vezes, mas sempre tinha de ser trazida de volta logo depois de ir embora, principalmente porque as crianças choravam, chamando por ela. Relatos em tabloides e na internet sobre o casamento iminente de Michael e Grace apareciam com regularidade, mas um obstáculo raramente mencionado era o fato de que Grace já era casada com um homem chamado Stacy Adair. Ela se casara com Adair no que foi descrito como “uma cerimônia de conveniência” (presumivelmente, para proteger Rwaramba de problemas com as autoridades de imigração) em Las Vegas, em 1995. Para aumentar a confusão, aqueles que conviviam com Michael definiam Grace de maneiras muito contraditórias. Chopra se refere a ela invariavelmente como “uma jovem encantadora” e disse que ela era “dedicada” a Michael e seus filhos. Outros relataram que ela se dedicava principalmente ao poder que exercia como “guardiã” de Michael e gastava grande parte de sua energia tentando isolá-lo de qualquer um que tentasse um contato mais direto.

Embora tivesse crescido em uma família de quinze filhos no pequeno povoado de Ishaka, em Uganda, Grace passara a maior parte da vida adulta morando em mansões fabulosas ou em suítes presidenciais de hotéis cinco estrelas, desenvolvendo um senso descomunal de seus direitos de posse no decorrer da vida. “A babá mais poderosa do universo” foi como a revista *Time* a descreveu, por causa da influência e do controle que ela teve sobre os filhos de Michael. Tom Mesereau reconheceu que a presunção de Grace foi um dos fatores que contribuíram para seu pedido de demissão da função de conselheiro de Michael. “Eu fiquei muito, muito cansado de ter que lidar com ela”, disse. Muitos relatos ligavam Grace à Nação do Islã, mas na verdade ela havia frequentado um curso de estudos da Bíblia durante o julgamento criminal de Michael e disse ter se juntado às Testemunhas de Jeová. No único comentário público que fez durante o julgamento criminal, Grace respondeu a uma pergunta sobre quem estava por trás das acusações de abuso sexual dizendo: “Satanás, o diabo”. O conselheiro espiritual

de Jackson entre as Testemunhas, Firpo Carr, disse que ouviu pessoas falarem sobre ela como “essa mulher nos bastidores, com todo esse poder, ostentando sua força”, mas que, em seus encontros com Grace, achou que ela era “uma das pessoas mais humildes que já conheci”.

Essa mistura de modéstia e poder era frequentemente testada em suas relações com Michael, a quem ela muitas vezes tratava como uma quarta criança sob seus cuidados. Quando Michael finalmente cedeu a seus insistentes pedidos para que ele tivesse seu próprio telefone celular, ele perdeu o aparelho em um dia e voltou a dizer às pessoas para que telefonassem para Grace se quisessem falar com ele. Ele e a babá discutiam com frequência sobre gastos desnecessários de Michael. Quase toda a receita proveniente de direitos autorais do catálogo que Michael possuía, vendas de discos e royalties das canções ia diretamente para o pagamento de dívidas imensas. No entanto, mesmo em situação econômica precária, Michael insistia em reservar a suíte de hotel mais cara em todas as cidades que visitava. Quando não havia dinheiro para pagar as contas, eles ficavam com um dos muitos “amigos” que o astro tinha ao redor do mundo e que lhe ofereciam hospedagem. Michael possuía tão pouco controle de suas finanças que mandava depositar na conta bancária de Grace todos os cheques que chegassem às suas mãos, então pedia que ela lhe desse dinheiro conforme precisasse. Ele ficava irritado ou desconfiado quando ela dizia que não havia mais dinheiro.

Em 17 de junho, quatro dias depois da absolvição, o passaporte de Jackson e a quantia de 300 mil dólares, que ele havia depositado para fazer frente aos 3 milhões de dólares de fiança, foram devolvidos pelo juiz Rodney Melville, que presidiu o julgamento. Dois dias depois, sem avisar sequer os mais próximos, Jackson viajou com os filhos e a babá em um jato particular para Paris e foi de limusine para o hotel de Crillon, que faz parte do magnífico complexo de palácios no começo da avenida Champs-Élysées. Os 300 mil dólares que ele embolsou cobririam o custo de dez dias naquele pináculo do privilégio. Era quase impossível conseguir hospedagem em uma suíte presidencial no Crillon a curto prazo, visto que essas acomodações estavam reservadas para vários chefes de Estado e altos funcionários do governo que normalmente as ocupavam, mas para Michael Jackson a gerência do Crillon estava disposta a fazer os ajustes necessários. Durante esses dez dias, ele não só poderia descansar e continuar sua recuperação, mas também dar-se algo que lhe havia sido negado nos últimos meses — as roupas do status real. Ele ainda era o Rei do Pop, mais do que uma mera celebri-

dade, um personagem de tal importância que conseguiu a fabulosa suíte Leonard Bernstein do Crillon, onde seus filhos podiam se divertir no famoso terraço circular, com a vista espetacular da Cidade Luz, enquanto ele titilava as teclas do piano do maestro que dava nome ao quarto.

Uma única boa notícia o animou: o Mediabase, que monitorava para o rádio e as gravadoras o número de vezes que uma canção era tocada, informou que a execução das músicas de Michael havia triplicado nos dois primeiros dias depois do veredicto no condado de Santa Barbara.

Paz e privacidade eram as promessas no Bahrein. Assim que chegaram ao aeroporto na capital, Jackson e os filhos foram transportados diretamente para o impressionante palácio de seu anfitrião, o xeque Abdullah bin Hamad bin Isa Al Khalifa, de trinta anos, o segundo filho do rei do Bahrein. Durante a maior parte da última década, Abdullah havia sido não só o governador da província do sul do Bahrein, mas também o xeque do petróleo mais roqueiro em todo o Oriente Médio. Fã de Led Zeppelin e Bob Marley, o corpulento Abdullah mantinha uma segunda casa no bairro de Kensington, em Londres, onde era conhecido por andar em sua Harley-Davidson, muitas vezes usando túnicas, ocasionalmente com uma guitarra presa às costas. Aspirante a compositor, imbuído pela riqueza da família e pela fé islâmica, com uma sensação de poder transcendente, o xeque planejava reavivar a carreira de Jackson (e lançar a sua própria) por meio do 2 Seas Records, um selo musical do qual os dois seriam sócios-proprietários. O palácio de Abdullah abrigava o melhor estúdio de gravação de todo o reino, e Michael poderia usá-lo durante o tempo que quisesse, como o xeque havia lhe assegurado em uma série de telefonemas entre Manama e o rancho Neverland durante o julgamento criminal.

Ao longo desses meses do julgamento criminal, o príncipe do Bahrein demonstrou sua seriedade através de uma imensa generosidade financeira. Apresentado ao artista pelo irmão de Jackson, Jermaine, que havia se convertido ao islamismo em 1989, o xeque Abdullah emprestava desde o princípio mais do que um ombro amigo a Jackson, que lamentava as despesas legais que o estavam comendo vivo. “Ele dizia: ‘O que posso fazer para o meu irmão? O que posso dar às crianças?’”, lembrou Grace Rwaramba. Em março de 2005, assim que a promotoria começou a apresentar o caso ao tribunal no condado de Santa Barbara,

os serviços públicos locais ameaçaram interromper o fornecimento em Neverland, a menos que o cantor depauperado pagasse as contas atrasadas. Abdullah, que nunca havia encontrado Michael pessoalmente, respondeu imediatamente transferindo 35 mil dólares para sua conta bancária pessoal, Rwaramba lembrou. Ela ficou “perplexa”, mas o xeque apenas se desculpou pela quantidade insignificante, prometendo que “da próxima vez vai ser mais”. Um mês depois, Michael pediu 1 milhão de dólares, Rwaramba disse, e “eu não entendi absolutamente nada” quando Abdullah enviou exatamente esse montante. Até o primeiro dia do verão, Abdullah prometeu pagar os 2,2 milhões de dólares em despesas legais que Jackson acumularia até o final do julgamento, caso o cantor fixasse residência em Manama.

O xeque Abdullah estava muito ansioso para exibir seu prêmio, mas insistiu que a mídia guardasse a presença de Jackson no Bahrein como uma espécie de falso segredo por quase dois meses. Várias publicações relataram que Jackson estava no país como convidado do príncipe, mas só acrescentaram que, de acordo com a família real, “Michael quer levar uma vida normal e não quer ser perseguido pela mídia”. O xeque e seu famoso hóspede não se aventuraram em público juntos até viajarem para o emirado de Dubai no dia 20 de agosto, e mesmo assim eles não se expuseram aos repórteres antes de mais uma semana ainda.

Uma após outra, as reportagens celebravam a imagem “feliz e saudável” de Jackson nas fotografias tiradas em sua primeira aparição pública desde o julgamento, em Dubai, em 27 de agosto de 2005, dois dias antes de seu 47º aniversário. Vestido com uma camisa azul vivo e um chapéu fedora preto, Michael sorriu de maneira tímida, mas doce, enquanto ele e Abdullah, queixudo e de olhos caídos, posavam com o lendário campeão árabe de rali, Mohammed bin Sulayem, com as câmeras clicando e rodando em torno deles.

A sessão de fotos aconteceu nos escritórios da Nakheel Properties, uma megaincorporadora responsável por vários dos projetos que haviam transformado Dubai na capital mundial do aventureirismo arquitetônico. Imóveis de luxo e compras sofisticadas com hora marcada impulsionavam a economia local naqueles dias, e Michael havia dado sua contribuição no início da semana, quando se aventurou a ir, disfarçado e atrás de janelas com insulfilme, até o shopping center de dois andares absurdamente opulento conhecido como “The Boulevard”. Quando a sessão de fotos chegou ao fim, os executivos da Nakheel levaram Michael e Abdullah para um passeio de barco na costa de Dubai, para deslizarem

sobre as águas azuis iridescentes, passando pelas praias de coral e conchas brancas que antigamente haviam sido a principal atração do pequeno emirado. Da água, Jackson podia ver cada um dos arranha-céus que brotavam das fabulosas areias de Dubai como se fossem silos de petrodólares. As Jumeirah Emirates Towers eram o 12º e o 29º edifícios mais altos do mundo, foi o que lhe disseram, mas eram apenas postes de iluminação se comparados à Dubai Tower, cuja construção havia começado quase um ano antes e que, com seus 818 metros, seria a estrutura mais alta feita pelo homem na Terra, quando fosse concluída em 2009.

O destino daquele passeio vespertino era a suprema façanha de engenharia do emirado, as Palm Islands, onde mais de 1 bilhão de toneladas de pedra e areia estavam sendo usados para criar uma comunidade residencial de ilhas artificiais, cada uma com a forma de uma palmeira coberta por um crescente. Ali, um mundo de faz de conta estava sendo trazido à vida em uma escala que, por comparação, faria até mesmo o rancho Neverland parecer pouco excepcional. Enquanto Michael mais uma vez garantia a todos os presentes que estava falando sério sobre se estabelecer em Dubai, Abdullah encantou os jornalistas que os seguiam com o anúncio de que “Mikaeel” previa a construção de uma grande mesquita aqui em seu “novo lar”, dedicada ao ensino dos princípios do Islã em inglês.

Jackson não havia realmente se tornado muçulmano, mas estava “prestes a se converter ao islamismo”, de acordo com o jornal árabe-israelense *Panorama*. Em pouco tempo, a história seria transmitida pela CBS News e, em seguida, explorada por Daniel Pipes, colunista do *New York Sun*, que observou que “isso se encaixa em um padrão afro-americano recorrente e importante”. A aparente boa acolhida de Jackson ao fato de ter sido chamado no Bahrein pelo nome do grande anjo de Deus, Mikaeel, deu credibilidade à ideia de conversão para aqueles que não sabiam que, durante seu julgamento, o artista várias vezes acompanhou os filhos aos cultos nos Salões do Reino das Testemunhas de Jeová, em Santa Barbara e em Los Angeles, e permitiu que sua mãe, Katherine, instrísse os três filhos na doutrina da igreja.

Mikaeel guardaria para si sua ambivalência religiosa enquanto morou no Oriente Médio, especialmente quando voltou com Abdullah para Manama para uma saudação pública pelo pai do xeque, o rei Hamad bin Isa Al Khalifa. Depois que Sua Majestade e Mikaeel retiraram-se para uma conversa a portas fechadas, os funcionários do rei anunciaram aos jornalistas que o sr. Jackson acabara de

adquirir um “palácio de luxo” em Manama e estava doando “uma enorme quantidade de dinheiro” para uma segunda mesquita a ser construída na capital do Bahrein.

No entanto, o palácio estava sendo alugado pela família real, e os milhões que Jackson havia “doado” para as duas mesquitas eram uma promessa vazia. O artista viveria às custas de Abdullah durante sua estadia em Manama e Dubai, mas nem mesmo os bolsos de petróleo do xeque eram suficientemente fundos para preencher o buraco em que Jackson se encontrava. A enorme variedade de problemas — jurídicos, financeiros, pessoais e profissionais — que o perseguiram até o golfo Pérsico estava não só o acompanhando, mas se acumulando atrás de suas costas estreitas.

Duas semanas antes de comemorar seu aniversário em Dubai, Jackson havia sido multado em 10 mil dólares por um juiz de um tribunal federal de New Orleans por não ter comparecido a uma audiência motivada por uma acusação de abuso sexual especialmente ardilosa. Um homem de 39 anos de idade chamado Joseph Bartucci afirmava que, ao assistir à cobertura do julgamento, na Califórnia, havia recuperado a memória reprimida de um ataque que *ele* sofrera 21 anos antes, na Feira Mundial de 1984. De acordo com a denúncia de Bartucci, ele havia sido “atraído” para dentro da limusine de Jackson e levado em um passeio de nove dias para a Califórnia, durante o qual fora forçado a consumir “drogas que alteram o estado de espírito”, enquanto Jackson fizera sexo oral nele, o havia cortado com uma navalha e perfurado seu peito com um fio de aço. Bartucci não conseguiu apresentar uma única evidência para apoiar suas alegações, enquanto os advogados de Jackson forneceram provas irrefutáveis de que seu cliente estava na companhia do presidente e da primeira-dama, Ronald e Nancy Reagan, durante alguns dos dias em que Bartucci afirmava ter sido seu prisioneiro. No entanto, o juiz Eldon Fallon permitiu que o caso seguisse em frente, mesmo depois da revelação de que Bartucci era um bígamo confesso com um histórico de dezoito processos civis de separação e denúncias criminais nos últimos dezessete anos, e que havia sido preso por perseguir uma mulher em 1996. Enfurecido com o fato de seus advogados em New Orleans terem apresentado uma conta de 47 mil dólares sem encerrar o processo forjado, Jackson despediu-os enquanto se preparava para a viagem para o golfo Pérsico, e então simplesmente virou as costas para o processo na Louisiana. Agora o juiz Fallon estava exigindo que Jackson mostrasse por que ele não deveria ser preso por desacato, e um julgamento por contumácia

seguiu-se contra ele. Jackson teria de responder, mesmo que fizesse isso do outro lado do mundo.

Esse foi apenas um entre muitos apuros jurídicos. Durante os doze anos anteriores, Jackson pagara quase 100 milhões em acordos e honorários de advogados para lidar com as dezenas de ações contra si, algumas levianas e outras não, e dúzias delas estavam pendentes. De todas essas ações, a mais cara resultara no pagamento de mais de 18 milhões de dólares para a família de um menino de treze anos chamado Jordan Chandler, em 1994. De acordo com Mesereau, Michael havia percebido que fazer um acordo com os Chandler fora “o pior erro de sua vida”. A dimensão do acordo convenceu grande parte do público e muita gente na mídia de que Jackson era, provavelmente, um molestatador sexual de crianças. Que tipo de inocente, as pessoas se perguntavam, pagaria essa quantia de dinheiro para alguém que fez uma acusação falsa? “Alguém desesperado para seguir em frente com a vida”, respondeu Mesereau. “Michael não fazia ideia de como as pessoas interpretariam a decisão de tentar fazer com que tudo aquilo desaparecesse.” As consequências disso se multiplicaram exponencialmente à medida que diversas ações judiciais, uma após a outra, foram movidas contra ele, com diversos vigaristas fazendo fila para conseguir sua parte de uma fortuna que encolhia rapidamente.

Em 23 de setembro de 2005, Michael viajou para Londres com Abdullah, Grace Rwaramba e as crianças, depois de reservar um andar inteiro no Dorchester Hotel. Era seu procedimento padrão ao viajar, ele explicou ao xeque, que estava pagando a conta. Jackson fez a viagem para lidar com o que talvez fosse o mais lancinante de todos os processos judiciais então em curso contra ele: a ação movida, em novembro de 2004, no meio do julgamento criminal, pelo ex-parceiro de negócios de Jackson e antigo “amigo querido”, Marc Schaffel.

Schaffel, 35 anos, havia surgido como uma figura pública no final de 2001, quando de repente se tornou o mais destacado da multidão de assessores que disputava um lugar em torno de Jackson, principalmente por ter sido encarregado de montar um coro de superstars para cantar com Michael um single para caridade intitulado “What More Can I Give?”. A canção havia sido inspirada por um encontro com o presidente sul-africano Nelson Mandela, mas posteriormente beneficiaria os refugiados kosovares. Depois, na sequência das atrocidades do

Onze de Setembro, “What More Can I Give?” foi reescrita às pressas com a intenção de arrecadar dinheiro para as famílias daqueles que morreram nos ataques terroristas. O projeto se transformou em um exemplo quase perfeito de como e por que praticamente tudo que nos últimos anos havia sido iniciado com o que a mídia gostava de chamar de “a facção de Jackson” estava destinado a terminar em um fiasco de acusações e processos judiciais.

Schaffel vinha aparecendo na vida de Jackson desde agosto de 1984. Com apenas dezoito anos naquela época, era um cinegrafista freelancer da rede de televisão ABC, que o enviou a Detroit para filmar cenas da turnê Victory do Jackson 5. Schaffel chegou tarde ao Pontiac Silverdome e ficou mortificado quando os seguranças dos Jackson negaram-lhe permissão para se juntar ao resto da imprensa em frente ao palco principal. “Eles me colocaram em uma sala nos bastidores para esperar”, lembrou. “Então eu estou sentado lá, me sentindo realmente estúpido, quando ouço a porta abrir. Supus que fosse uma das pessoas que me conduziria até a saída, mas quem entrou foi Michael, que fechou a porta, e lá ficamos, só nós dois.” Jackson deu uma olhada na câmera enorme que estava ao lado de Schaffel e se aproximou para examiná-la mais de perto. “Isso foi na época em que acontecia a passagem de filme para vídeo, e eu tinha uma das primeiras câmeras ENG que apareceram”, explicou o corpulento Schaffel. “Era uma coisa enorme com um flash separado para vídeo, e Michael ficou fascinado por ela. Ele perguntou: ‘Posso dar uma olhada nessa câmera?’, e eu estava, tipo: ‘Isso não pode estar acontecendo’. Ele perguntou: ‘Posso segurá-la?’, e eu disse que sim, mas fiquei um pouco preocupado, porque aquela câmera era enorme, muito pesada. Mas ele estendeu a mão e levantou a câmera como se ela fosse de papelão. Fiquei espantado com a sua força.” Quando Jackson começou a mexer com as lentes, Schaffel ouviu alguém gritar do lado de fora: “Michael!”, avisando que ele precisava fazer uma troca de roupas. “Acho que Michael nem ouviu”, disse Schaffel. “Finalmente, ele disse: ‘Nós temos um outro show para fazer aqui. Posso te ligar mais tarde e usar a câmera, experimentá-la?’. Eu disse que sim, e dei o meu número de telefone, pensando que ele nunca me ligaria. Mas no dia seguinte recebi um telefonema perguntando se eu podia ir até o hotel onde os Jackson estavam hospedados. Michael estava realmente interessado.”

Os dois se encontraram novamente em meados da década de 1990, em um evento de arrecadação de fundos para a amfAR, fundação de pesquisa sobre aids, em Beverly Hills. “Michael aponta para mim e diz: ‘Você é o cara que estava com

aquela câmera”, lembrou Schaffel. “Ele não sabia o meu nome, mas lembrou do meu rosto.” Porém, ele e Jackson não tiveram sua primeira conversa de verdade até 2000, quando se encontraram na casa do famoso dermatologista que atendia a ambos, Arnold Klein, um amigo de Schaffel que se tornou figura importante na vida de Michael ao longo dos anos, envolvido em aspectos da vida do artista que variaram de gestão financeira até a concepção de seus dois filhos mais velhos. “Michael estava hospedado na casa de Klein depois de um procedimento médico”, Schaffel lembrou. “Ele ficava com frequência na casa de Arnie.” Os dois passaram a maior parte daquela noite conversando. “Michael afirmou mais tarde que tinha gostado do entusiasmo e das ideias de Marc”, recordou o advogado de Schaffel, Howard King. “Ele gostou especialmente do fato de que elas não envolviam nem canto, nem dança. Michael tinha a intenção de encontrar uma maneira de ganhar dinheiro que não envolvesse estar no palco ou no estúdio.”

Bob Jones, assessor de imprensa de Jackson de longa data, lembrou que Schaffel aparecera em cena quase no mesmo momento em que as pessoas que haviam feito trabalhos de filmagem para Michael ao longo dos anos anteriores foram rompendo com ele, em meio a denúncias de que não estavam sendo pagas. Gabando-se de sua experiência na produção de filmes e acenando com uma conta bancária que se aproximava de oito dígitos, Schaffel se comprometeu a organizar vários filmes e projetos de vídeo de Michael por meio de uma empresa que os dois formaram, chamada Neverland Valley Entertainment. Falou-se da construção de um estúdio de cinema no rancho, de fazer curtas-metragens, talvez até produzir um desenho animado para a televisão. Mas Schaffel foi rapidamente arrastado para os preparativos dos shows *30th Anniversary*.

Montar a lista de artistas que Jackson considerava digna do evento mostrou-se uma tarefa complexa, mas Schaffel rapidamente demonstrou que poderia contribuir. Trabalhando como ligação de Jackson com David Gest, o produtor do show, e assinando uma série de cheques de suas próprias contas para cobrir problemas de fluxo de caixa de Michael, Schaffel garantiu a participação de muitas das estrelas que se apresentariam nos dois shows. O talento de Schaffel para massagear o ego de Michael se tornaria um ativo para o projeto dos shows de aniversário tão importante quanto suas habilidades organizacionais. Quando Michael começou a atrasar a sua chegada em Nova York, “David começou a ligar para mim e a gritar como se aquilo fosse culpa minha”, Schaffel lembrou. “‘Você tem de colocá-lo em um avião e trazê-lo para cá!’ David queria que ele ensaiasse por

cinco dias, e Michael disse: ‘Eu não preciso disso. Vou fazer em um ou dois dias’. Michael queria viajar em um jato particular, e David estava tentando fazê-lo pegar um voo comercial, porque eles conseguiram lugares de graça nos voos da American Airlines. Então Michael simplesmente ficou esperando que ele fizesse alguma coisa. Veja, Michael não estava realmente muito empolgado para fazer os shows. Quero dizer, ele achava que era legal, mas... Quando alguma coisa é ideia de Michael, ele está nisso 110%. Se não for ideia dele, se é algo que ele *tem* de fazer, ele sente que é trabalho e começa a se arrastar.”

Ainda assim, quando chegou a notícia de que, apesar do preço mais alto da história do show business, os ingressos para os dois espetáculos no Madison Square Garden haviam se esgotado em cinco horas, Michael chorou de gratidão. A CBS concordou em pagar uma taxa de direitos na casa dos sete dígitos para transformar as imagens em um especial de TV de duas horas, e para Jackson já estava garantido o recebimento de 7,5 milhões de dólares por sua aparição nos dois shows, dinheiro esse de que Michael precisava desesperadamente. O canal VH1 calcularia depois que, pelo tempo que realmente passou no palco, seu salário foi de 150 mil dólares por minuto.

Na época, Jackson estava vivendo do que descreveu como um orçamento “restrito” que lhe havia sido imposto por sua gravadora, a Sony, e seu principal credor, o Bank of America. Ele reclamava constantemente de que, por causa da dívida enorme, ele não tinha acesso a sua enorme riqueza. “Não era difícil naquela época para Marc retirar até 1 milhão de dólares de sua conta bancária”, explicou King, “então ele começou a fazer adiantamentos em dinheiro para Michael. De maneira geral, eles foram pagos de volta em um curto período de tempo, quando outros fundos de Michael entravam.” O primeiro montante que Schaffel entregou foi de 70 mil dólares, em julho de 2001, para pagar a excursão de compras com a qual Michael comemorou a notícia de que estava prestes a receber um adiantamento de 2 milhões de dólares para gravar um disco de caridade. Quando Michael dizia que “precisava” de algo, Schaffel já havia entendido, ele não estava falando de necessidade como a maioria das pessoas a entende, mas sim de “um estado psicológico do qual ele precisava para funcionar”.

Esse primeiro adiantamento em dinheiro foi reembolsado em pouco tempo, Schaffel lembrou. Constantemente o dinheiro fluía até Michael a partir de fontes espalhadas por todo o mundo. Ele não mantinha uma conta bancária, por medo de que algum credor pudesse tentar bloqueá-la, por isso todos os pagamentos

eram feitos em dinheiro vivo. Uma das principais funções de Schaffel logo se tornou a de agir, de fato, como “agente pagador” de Michael Jackson. “Outros assessores de Michael, colaboradores, parceiros de negócios, protetores — seja lá o que fossem —, passariam o dinheiro para ele transferindo os pagamentos para Marc, que os entregaria a Michael em dinheiro”, explicou King. Schaffel havia feito a primeira dessas entregas a Michael em um saco de papel do restaurante de fast-food Arby’s. Michael achou aquilo hilariante e começou a se referir ao dinheiro que recebia por meio de Marc ou diretamente dele como “batatas fritas”. “Eles tinham conversas nas quais Michael dizia: ‘Me traz umas batatas fritas, por favor. E de tamanho gigante’”, lembrou King.

Um mês depois de entregar mais de 70 mil dólares, Schaffel assinou um cheque de 625 680,49 dólares para sanar uma inadimplência na linha de crédito de Michael no Bank of America. Os reembolsos continuaram a fluir para sua conta bancária, mas as verbas não eram exatamente proporcionais ao que ele estava desembolsando. Apesar disso, o gerente de negócios de Michael disse que as dívidas acabariam por ser todas pagas, e Schaffel não tinha nenhuma razão para duvidar disso. “Marc não só adorava Michael, ele confiava nele completamente”, explicou King. Schaffel fez mais duas entregas de batatas fritas para Jackson em agosto de 2001, enchendo um saco com 100 mil dólares, que Michael queria para comprar antiguidades, e outro com 46 075 dólares, de que Michael precisava para pagar avaliações de uma mansão de 30 milhões de dólares no Sunset Boulevard, em Beverly Hills, uma propriedade que Jackson insistiu que poderia se dar ao luxo de comprar depois de saber que os ingressos para os shows do Madison Square Garden haviam sido completamente vendidos. No início de setembro, pouco antes dos shows, Schaffel fez mais dois pagamentos, sendo o primeiro uma quantia relativamente pequena de 23 287 dólares para pagar os ingressos supostamente “grátis” que Michael havia prometido a seus convidados pessoais para os shows de aniversário. Os ingressos não saíram de graça no final das contas e, para evitar o constrangimento de explicar isso aos amigos e familiares, Michael pagou por eles de seu próprio bolso, isto é, do bolso de Marc. O segundo montante foi de 1 milhão de dólares, de que Michael precisou para pagar ao seu “melhor amigo”, Marlon Brando, que exigiu a quantia em troca do “discurso humanitário” que seria filmado e exibido no primeiro dos dois shows. Os outros assessores de Michael alegaram que era ridículo pagar tanto a Brando para ele fazer um discurso que ninguém queria ouvir, mas Michael insistiu. “Marlon é um deus”, disse. Os

opositores perceberam que tinham razão quando, menos de dois minutos depois de iniciados os comentários incoerentes do grande ator, a multidão começou a vaiar e não parou até Brando terminar. Bem, foi apenas 1 milhão de dólares, Michael disse, não foi muito dinheiro, na verdade.

Nos dias imediatamente anteriores aos shows, Schaffel deu a Jackson 380 395 dólares para comprar os dois automóveis personalizados que ele queria, uma Bentley Arnage e uma Lincoln Navigator, além de um cheque para cobrir os juros sobre o empréstimo de 2 milhões de dólares que Michael fizera para financiar o disco de caridade.

Aquela altura, ele havia recebido reembolsos no total de 1,75 milhão de dólares, Schaffel lembrou, mas essa quantia na verdade não cobria os 2,5 milhões de dólares que ele havia gastado. No entanto, o pagamento da dívida remanescente estava garantido, porque Michael havia cedido os direitos de “What More Can I Give?”. Schaffel concordava com aqueles que diziam que essa era a melhor canção que Jackson havia composto em anos, com uma melodia sublime e uma letra que era mais tocante que qualquer outra que ele havia escrito. Lá pelo início de setembro, os dois já estavam falando em usá-la para produzir um disco com fins filantrópicos que rivalizaria com o sucesso do projeto “We Are the World”, de 1985. Os sobreviventes da próxima grande catástrofe humanitária seriam os beneficiados.

Os ataques terroristas do Onze de Setembro ocorreram poucas horas depois de Jackson terminar seu *pout-pourri* com “Billie Jean”, “Black or White” e “Beat It” no final do segundo show de aniversário. Até aquele momento, Michael havia imaginado que a pior parte de sua estadia em Nova York seria a discussão desagradável que ele havia tido com Corey Feldman nos bastidores durante o primeiro show, sobre os planos de Feldman de escrever um livro sobre o relacionamento entre eles. Quando foi acordado em sua suíte no Plaza Athenee, depois de apenas uma ou duas horas de sono, bem a tempo de assistir ao desabamento das torres do World Trade Center, “Michael ficou completamente apavorado”, lembrou Schaffel. “Ele pensou que havia terroristas soltos em Nova York e quis tirar seus filhos de lá imediatamente. Havia muitos policiais trabalhando como seguranças no hotel em que ele estava, e eles nos ajudaram a atravessar o rio Hudson na direção de Nova Jersey antes que as pontes e os túneis fossem fechados.” No dia seguinte, quando Michael insistiu que precisava de 500 mil dólares para o caso de ele e os filhos serem obrigados a “passar para a clandestinidade”, Schaffel dirigiu-se a um banco e retirou exatamente essa quantia. Jackson ficou escondido por

dois dias em Nova Jersey, em seguida convocou Schaffel e o resto de sua comitiva para ir até White Plains, no estado de Nova York, onde o aeroporto estava prestes a reabrir por algumas horas. A Sony conseguiu um jato particular em um dos hangares. Michael estava a caminho, saindo de Nova Jersey, quando um novo problema surgiu. O ator Mark Wahlberg participava de um filme ali perto e estava no aeroporto de White Plains, também, com a *sua* comitiva, tentando pegar o mesmo avião. “Então nós tivemos essa grande briga sobre quem tinha prioridade”, Schaffel lembrou. Os dois grupos estavam na pista gritando um com o outro até que a Sony decidiu que Michael Jackson era uma celebridade maior. Wahlberg foi informado de que teria de esperar até que outro jato pudesse ser localizado e foi embora, muito bravo. “Mas, então, no último segundo, Michael decidiu que não queria voar”, Schaffel lembrou. “Ele disse que ia voltar para a Califórnia em um ônibus fretado. Então disse ao resto de nós para pegarmos o avião e irmos embora, antes que Wahlberg voltasse.” Em poucos minutos, um ônibus fora alugado, mas no momento em que chegou a White Plains, Michael havia mudado de ideia de novo. Ele colocou a mãe e outros parentes no ônibus e os enviou para a Interstate 287, em direção oeste, então fez com que a Sony conseguisse outro jato particular e voou de volta para Santa Barbara com Grace e os filhos, além de dois guarda-costas.

Quando se reuniram novamente na Califórnia, Jackson e Schaffel começaram imediatamente a falar sobre usar “What More Can I Give?” para arrecadar dinheiro para as famílias daqueles que morreram nos ataques terroristas. Em outubro, Schaffel alugou uma suíte no Beverly Hills Hotel, onde se reuniu com executivos da cadeia de restaurantes McDonald’s para discutir a ideia de uma gravação beneficente com “What More Can I Give?”. Levou apenas algumas horas para chegar a um acordo de 20 milhões de dólares, depois de os executivos do McDonald’s calcularem que venderiam pelo menos 5 milhões de cópias da gravação apenas em seus pontos de venda dos Estados Unidos.